

Tiago de Melo Andrade

# Pra lá de Marrakesh

Rita Pancada  
na África



Ilustrações  
Laura Michell

edelbra



# Pra lá de Marrakesh

Rita Pancada  
na África

1ª edição, 1ª impressão

Coordenação Editorial: Elaine Maritza da Silveira

Ilustrações: Laura Michell

Projeto Gráfico: Victória Piffero

Revisão: Renato Deitos

Diagramação: YOYO ateliê gráfico

GIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A571p Andrade, Tiago de Melo, 1977-  
Pra lá de Marrakesh : Rita Pancada na África /  
Tiago de Melo Andrade ; ilustração Laura Michell.  
- 1. ed. - Porto Alegre, RS : Edelbra, 2016.  
136 p. : il. ; 23 cm. (As aventuras de Rita  
Pancada ; 2)

ISBN 978-85-5590-004-4

1. Ficção infantojuvenil brasileira. I. Michell,  
Laura. II. Título. III. Série.

16-29725

CDD: 028.5

CDU: 087.5

2016

Edelbra

[www.edelbra.com.br](http://www.edelbra.com.br)

Central de Atendimento:

51 2118 4404 | [cae@edelbra.com.br](mailto:cae@edelbra.com.br)

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida  
ou copiada, por qualquer meio,  
sem a permissão por escrito da editora.

Impresso no Brasil pela Edelbra Gráfica Ltda.

***edelbra***

Tiago de Melo Andrade

# Pra lá de Marrakesh

Rita Pancada  
na África



Ilustrações  
Laura Michell

edelbra  
edelbra  
edelbra  
edelbra  
edelbra  
edelbra  
edelbra  
edelbra  
edelbra  
edelbra

## CAPÍTULO 1

# Churrasqueira a laser



Foi num dia de céu bem azul que aportou na cidade de Formiga aquele grupo de cientistas metidos em jalecos brancos com canetas e réguas saindo pelos bolsos. Chegaram num grande e barulhento caminhão-baú – Brammm! Brammm! Brammm! De dentro dele, tiraram uma enorme tenda inflável que exibia em seu fofo interior as últimas proezas da Ciência e da Tecnologia. Era a Feira Itinerante de Ciências, que percorria as cidades todas do País, esparramando as boas novas da modernidade.

O povo todo se ajuntou na tenda, a fim de ver as novas máquinas de fazer isso e aquilo, como o

descascador automático de bananas, o carro movido a suco de laranja, a churrasqueira a laser... Mas a estrela da exposição era mesmo o pequeno avião que voava sozinho, sem ter gente nenhuma pilotando! Era um computadorzinho muito do esperto que fazia o trabalho de tirar o avião do chão e dar umas voltas no céu, fazendo micagens – Fuiii! Zummm! Prrróóó! Vuum! Voava de cabeça para baixo, se deixava cair rodando em parafuso e soltava fumacinha colorida pelo rabo – Tchiii! O povo, cá embaixo, aplaudia entusiasmado – Viva! Viva! Clap-clap-clap! Que maravilha, gente! Olhem só! – a apresentação do aviãozinho inteligente.

A única pessoa que não pôde ver as novidades da Ciência era uma tal de Rita Palhares, mais conhecida como Rita Pancada, a menina da mão furada, cabeça oca e pés de chumbo.

Acontece que a moça era parva de nascença, apatetada mesmo, de tropeçar nos próprios pés e morder a língua todos dias, na hora do almoço. Rita até que passou um tempo menos desastrada, depois de

um tratamento de acupuntura que fez na China, com o afamado Dr. Xin Tong. Mas, durante uma brincadeira de cabra-cega, Rita perdeu as agulhas que o doutor chinês havia espetado nela, pois a menina que estava vendada puxou, sem querer, as orelhas de Pancada – Rrrrammm! –, retirando as agulhinhas. A brincadeira terminou assim: Daniela com os óculos quebrados, Mário com os joelhos ralados e Laurinha com a trança cortada. Foi até manchete no jornal local: “PERIGO!!! RITA PANCADA PERDEU AS AGULHAS”.

A mãe encomendou da China novas agulhas, mas, enquanto elas não chegavam, mandou Rita colocar seu vestidinho de plástico-bolha, para evitar que se machucasse. E mais: proibiu-a de sair de casa.

– Nem ver a Feira de Ciências eu posso, mãe?

– Mas o que é isso, menina?! É claro que não! Lá tem até raio laser! Raio laser é uma coisa muito perigosa...

– Mas, mãe, eu queria tanto ver o aviãozinho animado!

– Sinto muito, minha filha, se estou fazendo isso...

– Já sei: a senhora está fazendo isso para o meu bem.

– Não, senhora! Estou fazendo para o meu bem mesmo. Já imaginou a senhorita numa feira de ciências?! Capaz de explodir a cidade inteira, já pensou?

Pior ainda que, além de apatetada, Rita era muito curiosa. Então, desobedecendo às ordens da mãe, decidiu bisbilhotar a Feira, tendo o seguinte pensamento na cabecinha:

– É só eu tomar cuidado e prestar atenção em tudo que eu faça, que nada de errado poderá acontecer! Vou num pé e volto no outro! Mamãe nem irá saber!

Lá se foi Rita, com seu vestido de bolhas, para a tenda dos cientistas. O lugar estava movimentado, cheio de gente curiosa, com muitas crianças e adultos apreciando as máquinas e os computadores ultramodernos funcionarem – Prrr! Plac-plac-plac! Os cientistas explicavam, tintim por tintim, o funcionamento dos aparelhos. Tudo transcorria na mais perfeita ordem, até que Rita entrou no recinto.

Nem chegou a fazer nada a pobrezinha. Quando as pessoas notaram sua presença, num passe de

mágica, o lugar ficou vazio. Joaquim da Padaria saiu tão rápido – Vupt! Chuap! –, que a roupa ficou para trás! Maurício Quintão deu salto triplo ornamental e caiu fora da Feira num zás-trás! Fiúca, a enfermeira, evaporou-se e deixou o doutor cientista falando sozinho. Só quem não fugiu foi o povo de jaleco branco, pois eles não conheciam Rita Pancada. Um dos doutores até soltou esta admiração:

– Carece de estudarmos, pelos métodos científicos, como o povo da cidade de Formiga faz para realizar essa mágica de desaparecimento.

Então, ouviram-se as sirenes do Corpo de Bombeiros, que, em poucos instantes, chegou e ficou de prontidão, do lado de fora da tenda, para apagar o fogo se porventura Rita causasse algum incêndio. E logo veio também uma ambulância, para o caso de Rita se machucar ou machucar alguém.

E, distraída que era, Rita nem percebia que todo aquele alvoroço era por conta de ela estar visitando o importante evento. E ficou lá, tranquila, ouvindo, atenta, as explicações dos cientistas. Tudo ia bem, até

que Rita escutou, do lado de fora da barraca inflável dos doutores, a voz da mãe:

– Então, ela está aqui? Eu disse a ela para não vir!

– Essa não! Alguém me dedurou – disse ela baixinho.

Quando Rita percebeu que a mãe viera até a Feira, ficou desesperada! Iria tomar uma bronca de semana! A primeira ideia que teve foi de se esconder. Então, viu uma caixa de metal com uma tampa abaulada, sobre um pedestal com rodinhas. Não titubeou. Pulou lá dentro – Pluft! Acontece que o cubo metálico era a tal churrasqueira a laser. Xiii! Aí, Rita começou a sentir um calorzinho nos fundilhos. Depois, seguiu-se leve cheiro de carne queimada... Só então percebeu que estava sendo assada! Gente do Céu! Tentou sair empurrando a cobertura com as mãos, mas a tampa estava travada. O calor só fazia aumentar e Rita, aflita para escapar dali, começou a dar chutes a torto e a direito. Sem perceber, colocou a churrasqueira em movimento – Prrr! Tchi-tchi-tchi-tchi! –, a qual saiu da tenda lentamente, sem que ninguém percebesse.

Quando, enfim, deu um golpe certo na junta da caixa de metal, virando a churrasqueira pelo avesso, já estava desembestada descendo a ladeira do Carmo a toda velocidade — Planc-planc-planc!... Com o chute, a churrasqueira ficou com os tais raios laser pelo lado de fora, o que a deixou muito aliviada, pois já tinha a roupa de plástico parcialmente derretida. Só então percebeu que os raios da churrasqueira riscavam com uma linha de fogo as casas

da ladeira! Puxa vida! Laurita das quitandas estava à porta de casa ostentando seu lindo vestido de bolinhas. Só que, depois da passagem da churrasqueira desgovernada, ficou de minissaia e tomara-que-caia!

Rita, em pânico, tentava desligar a geringonça. Danou a apertar todos os botões que via pela frente — Clic! Clic! Clic! Conseguiu apenas aumentar a



potência dos raios. A bela casa da professora de piano, Adélia Couto, foi serrada ao meio, e Adélia só não foi cortada também porque, no exato momento em que passava o disparo mortífero, havia se abaixado para apanhar uma partitura que caíra no chão.

A churrasqueira desembocou na praça e fez do coreto, onde tocava a Lira Sete de Setembro, uma linda fogueira de São João. André Barbosa foi apagar o fogo de seu trombone na fonte da matriz. Manuela, dona e gerente do Supermercado Pirâmide, teve o rabo da saia incendiado, e saiu aos berros:

– É o fim! Os marcianos chegaram! Os marcianos chegaram!



Nem a estátua de Machado de Assis escapou da luz incendiária. Teve aparada sua bela barba de bronze e ficou sem os óculos de pincenê.

Depois de atravessar a praça, a churrasqueira ainda teve fôlego para passar pelo campinho de futebol, aparar a grama e podar as árvores todas em menos de cinco segundos – Tchááá! Abadio, jardineiro, trinta anos de profissão, nunca vira coisa parecida. Aborrecido, com seu tesourão antiquado nas mãos, praguejou:

– Mas que podão dos infernos! Essas máquinas só prestam para tirar o emprego das pessoas!

Em seguida, a churrasqueira perdeu o embalo lentamente, até estacionar dentro de um grande armazém onde estava estocada a safra de milho daquele ano. Por um instante, Rita teve um suspiro de alívio.

– Ufa! Até que enfim, estacionei! – alegrou-se, estampando um sorriso meio sem graça na cara.

Então, começou a ouvir aqueles estalinhos:

– Ploc! Ploc! Ploc!

Eram os grãos de milho que, atingidos pelo laser,

viravam pipoca imediatamente! Em poucos segundos, Rita viu-se coberta de milhares, milhões delas. As paredes do armazém arriaram – Prááá! Brammm! –, não suportando a pressão. Rita foi arrebatada da churrasqueira e seguiu na crista da onda de pipocas. Na praça, Manuela ainda se recuperava do susto causado pelo laser, quando ouviu alguém gritar:

– Avalaaanche!

A gigantesca pipocada vinha rapidamente – Prrrammm! Tchááá! – As pessoas tentavam fugir, mas o deslizamento era mais rápido e arrastava tudo pelo caminho! Foi aí que se viu uma cena inusitada: Jorginho pipoqueiro fugindo do *tsunami* com seu carrinho de pipocas. Florinda de Castro foi ligeira e conseguiu trepar num poste, mas perdeu as chinelas na correnteza. Como Rita gostava de pipocas, aproveitou para comer algumas:

– Faltou sal...

Quando, enfim, a bateria do laser acabou, Formiga estava com pipocas até os joelhos! Estava Rita muito arrependida de ter desobedecido à mãe e

morta de vergonha da bagunça que fizera! Daí que decidiu esperar um tempinho, até que a zanga das pessoas se abrandasse.

edelbra  
edelbra  
edelbra  
edelbra  
edelbra  
edelbra  
edelbra  
edelbra  
edelbra  
edelbra

## CAPÍTULO 2

# A múmia e o avião



**D**e depois de limpa da pipoca a cidade, ninguém encontrava Rita Pancada.

– Rita! Pode aparecer, minha filha! Não vou lhe dar castigo. Eu sei que você faz essas coisas sem querer!

Ela aparecia? Qual nada! Ninguém dava notícia recente dela!

– A última vez que a vi, estava montada na churrasqueira, descendo, desembestada, a Ladeira do Carmo – contou Laurita Quituteira.

– Estava surfando nas pipocas, aquela praga! Depois, vi mais não! – respondeu Manuela, ainda

muito aborrecida.

O mistério do desaparecimento de Rita só foi parcialmente desvendado quando o povo da Ciência, depois de livrar a Feira da sujeira, deu por falta do aviãozinho inteligente.

– Minha nossa! Só pode ter sido a Rita! – desesperou-se a mãe.

– Calma! Pelo menos o avião é inteligente – o pai tentou ver algo de positivo na situação.

Enquanto isso, bem alto no céu, Rita estava bastante arrependida da ideia de tirar uma soneca dentro do avião até as coisas se acalmarem. E mais arrependida ainda de não ter segurado a curiosidade e ter apertado aquele chamativo botão vermelho. Foi apertar – Clic! – e os motores começaram a funcionar – Rrrrammm!

O avião sabichão falava, inclusive, mas Rita não entendia nada, pois o mecanismo só escapulia pelos alto-falantes palavras em inglês com sotaque francês, que era o país de nascença da Inteligência Artificial. Então ficou muito arrependida de não ter estudado

direito o inglês na escola. Tudo que pôde fazer foi apertar todos os botões ao mesmo tempo, sem parar – Clic-clic-clic-clic! – Mas aí começaram a piscar umas nervosas luzinhas vermelhas. E luzinha vermelha, seja em Formiga, na França ou nos Estados Unidos, é sinal de perigo. O jeito era esperar o avião sossegarsozinho. Qual o quê! O aparelho foi tomando velocidade e alçou voo – Tuíí! Uaaammrn! Rita, que nunca havia viajado de avião, sentiu um repuxo



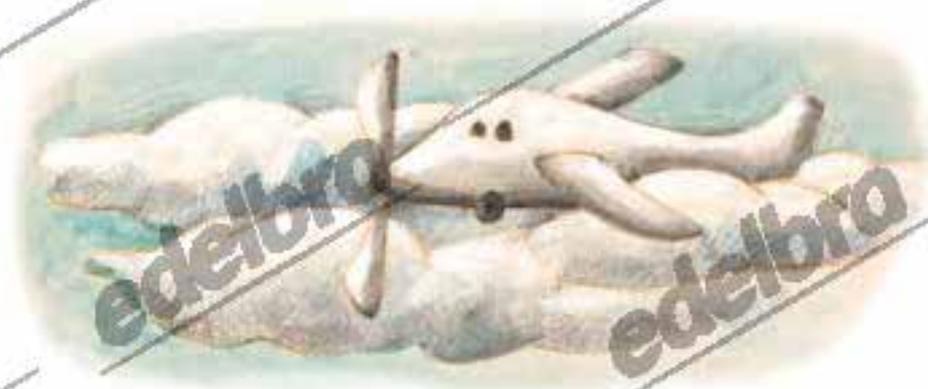
na barriga, de tanto medo.

Lá embaixo, a cidade ia ficando cada vez menor, como se encolhesse. De repente, o avião furou o fofo de uma nuvem. Por um segundo, tudo ficou branco. Mas, em seguida, a menina estava sobre o céu nublado, com o farol do sol iluminando o vasto e azul campo celeste. Abaixo do avião, até onde a vista podia alcançar, estendia-se uma extensa massa de nuvens brancas a formarem uma espécie de país de algodão com montanhas, vales, castelos de diversas formas e algumas paisagens que a fumaça gostava de imitar para se divertir.

Só depois de duas horas voando, o nublado ficou para trás, e Rita foi surpreendida por um enorme espelho que cobria todo o chão.

– Nossa! Que espelho!

Não era espelho, mas, sim, o oceano num momento de calma, refletindo a luz do sol, como um espelho, brilhando igual a Mercúrio. Logo Rita percebeu que estava sobre as águas do Atlântico, que fica longe, muito longe de Formiga. A menina teve um faniquito e começou a dar socos no painel de



controle, berrando:

– Me leve pra casa agora! Agora!

O aparelho não gostou do chique, piscou luzinhas, começou a soltar fumaça pela cauda e fazer pinuetas no ar. Rita, que estava sem cinto de segurança, começou a girar lá dentro, feito uma meia solta na máquina de lavar roupas. Já estava ficando tonta, quando, enfim, o aviãozinho se acalmou outra vez.

– Ufa! Mais um pouco e eu ia acabar vomitando!

Sentou-se e, desta vez, afivelou bem o cinto. Estufou uma tromba de elefante e lamentou-se:

– Não adianta bater que este avião sem educação só para quando quiser ou acabar o combustível.

Acabar o combustível?!

Que ideia horrível havia passado pela cabeça de Rita! E se o combustível acabasse e a aeronave caísse?

– Será que tem paraquedas? – perguntou a si mesma, mordendo os lábios e arregalando os grandes olhos.

Procurou, procurou, até que encontrou uma espécie de mochila com cordinhas penduradas.

– Achei! – festejou aos pulos.

Pobrezinha! Sucedeu que, na atrapalhada comemoração, puxou, sem querer, uma das cordinhas e – Puf! – o paraquedas abriu dentro do pequeno avião, que ficou tomado pelo tecido. Rita ficou toda enrolada nele, sem poder se mexer e nem enxergar nada, mais bem enfaixada que uma múmia! A única coisa que conseguiu fazer foi reclamar e se lamentar de seu azar durante as próximas horas de viagem que se seguiram.

## CAPÍTULO 3

# Um metro e trinta de coragem



Rita não sabia, porém, ao apertar os botões todos ao mesmo tempo, havia programado o avião para voar sem parar, rumo a Leste. Como o tanque estava cheio e o vento soprando a favor, o maquinismo teve fôlego de chegar até as bandas... de onde? Da África! Mas lá não caiu, como temia Rita. Sorte foi que a aeronave, tendo inteligência artificial, fez um pouso estratégico para reabastecer, pouco antes de o combustível acabar. A menina sentiu o avião descendo.

– Ai! Deus me acuda! Deve ter acabado a gasolina!  
A aeronave pousou aos solavancos numa pista

de pouso abandonada na clareira de uma floresta. Rita nada pôde ver, enrolada que estava nos panos do paraquedas. Então as portas do avião abriram automaticamente e ela rolou junto com o tecido para fora do aparelho, batendo com as pontas dos joelhos e cotovelos nos degraus da escadinha:

– Ai! Ai! Ai!

Quando, enfim, conseguiu pôr a cabeça de fora daquele embrulho, viu-se cercada duma pequena gente da cor de canela. A princípio, achou que eram crianças como ela. Falavam todos ao mesmo tempo, em seu estranho idioma, estalando a língua no céu da boca a todo instante

– Bá-buru-buru! Plac! Bá-buru-buru! Plac!

Rita não entendia nada do que falavam! Uns apontavam o dedo para o avião e outros olhavam a menina, com os olhos arregalados de espanto e curiosidade.

Só depois de ela observar alguns minutos, percebeu que não eram crianças, mas, sim, adultos de corpos bem pequenos; não eram anões, eram na verdade homens e mulheres em miniatura, uma gente

chamada pigmeu, habitantes da Floresta Tropical da África Central. A altura de um pigmeu não passa de um metro e quarenta.

Entre eles, até por conta do calor que faz na África, não havia muita preocupação com roupas. Homens e mulheres apenas amarravam algum pano – uma tanga – em torno da cintura, ficando com o torso nu. Os homens tinham o corpo forte, com braços e pernas musculosos, e as mulheres, na sua maioria, traziam uma criança nos braços a mamar. Rita nem de longe sabia quem eram os pigmeus e teve medo de não ser muito bem recebida.

Na verdade, não havia por que se preocupar. Os pigmeus são conhecidos por sua docilidade. São amistosos e hospitaleiros. Vendo que Rita estava presa e não conseguia sair, logo vieram ajudar com facas bem afiadas para cortar o tecido, as cordas e soltar a menina. Porém, quando Rita viu as facas, soltou um grito desesperado e, num zás-trás, libertou-se do nó e foi instalar sua apavorada pessoa na copa da primeira árvore que viu à sua frente. Lá ficou, morrendo de medo.

Muuji era um menino esperto e percebeu logo que Rita estava com muito medo. Aproximou-se bem devagar da árvore que servia de refúgio para a menina. Para mostrar que estava ali com boa intenção, Muuji começou a sorrir e fazer malabarismos com algumas frutas de casca bem dura. Deixou uma cair no pé e saltitou, emitindo estranhos gemidos. Rita até deu uma risadinha meio sem graça das micagens do garoto. Ele fazia gestos insistentes com as mãos, como que a chamá-la para descer e brincar com ele. E “jacaré” desceu? Que nada! Rita desconfiava da própria sombra:

– Você acha que me engana fazendo brincadeiras,



colocando risadinhas na cara?

Mas a árvore na qual Pancada se empoleirou parecia não querer a companhia dela, pois o galho em que estava trepada se partiu, e a menina esborrachou-se lá embaixo, igual a mamão maduro que caiu do pé.

A queda foi tão forte, que Rita só acordou uma hora mais tarde. Estava bem acomodada no fofo de uns panos de alegre estampa. Uma velha de longos cabelos brancos deslizava a mão áspera sobre seu rosto, fazendo carinho e dizendo palavras estranhas. Apesar de não compreender nadinha, Rita sentia que eram palavras amistosas, de carinho, de cuidado, mais ou menos iguais às que falava sua mãe quando ela se machucava.

A confiança começou a crescer em seu coração, e Rita já ia perdendo o medo. Todavia, a anciã pegou uma moringa com água, encheu com ela as bochechas e esguichou tudo na cara de Pancada – Tchóóó! –, que ficou muito assustada:

“Será que está zangada, o que eu fiz?!” , pensou, passando as mãos no rosto com rapidez.

Que nada! Ainda depois da borrifada, a velha Tumaini continuava sorrindo e fazendo denguinhos na menina. A cabecinha de Rita ficou bem confusa.

– Não estou entendendo mais nada! Cospe, depois alisa. Ai-ai-ai! O que será de mim?!

Acontecia que Tumaini era a mais velha da tribo, a mais sábia. E era daquela maneira que os pigmeus abençoavam as pessoas doentes, pedindo a Deus que as curassem, cuspiendo água em cima do padecente.

A anciã puxou Rita pelas mãos e a deixou de pé.

– Tum! – Bateu com a cabeça no teto de palha:

– Ai, como é pequeno aqui! – queixou-se, massageando a cabeça.

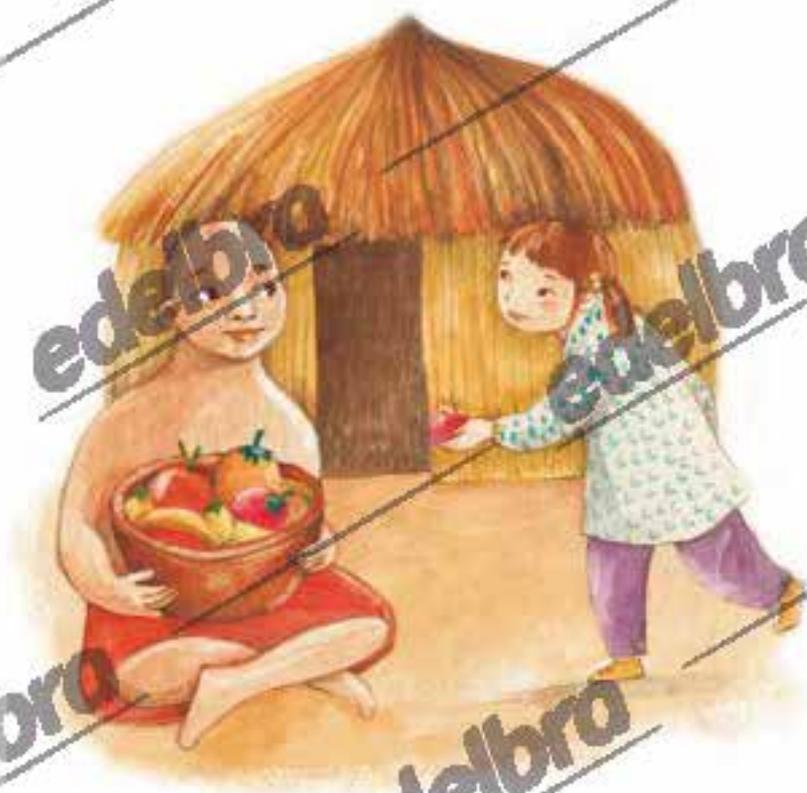
Estava dentro de uma pequena cabana arredondada. Tumaini continuou puxando Pancada, levando-a até uma pequena abertura, pela qual a menina só conseguiu passar ajoelhada. Do lado de fora, dezenas de pequeninas cabanas redondas enfileiravam-se em torno de uma espécie de praça de chão batido. O povo todo da tribo veio ver Rita. Estavam alegres, porque a garota estava bem e não havia se

machucado com a queda da árvore. Alisavam-na, faziam-lhe carinhos. Ofereciam-lhe frutas e pequenos presentes, como colares feitos de sementes coloridas. Finalmente, entendeu que estava sendo acolhida pelos amáveis pigmeus.

Quem mais deu atenção a Rita foi o menino Muuji, que já tinha alcançado a altura dos adultos, mas ainda não era forte como os homens da aldeia.

Ele não falava português, tampouco Rita entendia a língua pigmeia. Por isso, tentavam comunicar-se por meio de gestos. As únicas coisas que conseguiram aprender foram os nomes um do outro, no estilo clássico: Mim Jane, você Tarzan.

Mimicando, o menino mostrou tudo a Rita: a cabana de descansar, as melhores frutas para comer, as plantas venenosas e com espinhos... Além disso, explicou o mais importante: onde ficava o lago de beber água e o laguinho de tomar banho! Rita, contudo, era péssima para entender mímicas. Acabou trocando tudo e bebeu da água mais suja, de tomar banho, e sujou a água de beber!



O pigmeu ajoelhou-se à beira do lago, tomando água delicadamente com as mãos em concha. Como mandava sua tradição, não podia sujar a água de beber, pois era sagrada! Pancada não entendia a solenidade da mímica e veio correndo e gritando:

– Oba! Que lago lindo! Estou morta de calor!

Pulou dentro d'água com roupa e tudo! Nadou borboleta, costas e peito, tudo ao mesmo tempo, espirrando água por toda banda. Depois, mergulhava

fundo e voltava com a boca cheia, bochechando e cuspendo de volta no lago. Em seguida, começou a esfregar o corpo com as mãos, a fim de livrar-se da sujeira e do suor.

Muuji ficou horrorizado com o comportamento da menina. Aquela era a água de beber! Não se podia usar para tomar banho ou lavar roupas. Imagine se o pigmeu soubesse que Rita também havia aproveitado o mergulho para fazer xixi na água!

– Nossa! Bebi muita água! – exclamou, sentindo a água esquentar-se em derredor dela.

Muuji ficou muito bravo e gritava, lá na língua dele, as leis dos pigmeus: – Não matar animais por brincadeira, não caçar animais com armadilhas, não desperdiçar comida, não bater no marido, não bater na esposa, não cortar as árvores mais altas, não sujar a água de beber! – E mandou Rita sair do lago.

Pancada, que não entendia bulhufas do que gritava o garoto, achou que ele estava querendo brincar e esguichava água fria no pigmeu ou jogava nele, batendo com as mãos no lago.

Então, o menino chamou Tumaini, e esta deu bronca nela. Mas, que coisa engraçada... Bronca a gente entende em qualquer língua. Não compreendeu palavra, contudo saiu rapidinho do lago, pensando:

“Mas que coisa! Lá em Formiga, minha mãe briga comigo para eu tomar banho. Aqui, levo bronca por tomar banho. Será que aqui é proibido tomar banho? Que lugar legal!”

O pequeno amigo também mostrou o caminho de volta até o aviãozinho, para o caso de Rita querer ir embora nele outra vez. Contudo, Rita nem estava pensando nisso: estava até gostando de ficar ali. Ainda mais quando se lembrava de como sua mãe devia estar bem brava, por conta da sua desobediência. Daí que foi ficando. Dormiu tranquila numa cabana que lhe emprestaram.

No outro dia, bem cedo, as mulheres saíram, levando Rita consigo. Ela não gostou muito de se separar de seu novo amigo, mas, na tribo, homens e mulheres tinham tarefas diferentes. Elas foram colher alimentos na selva: frutas, cogumelos e larvas

brancas. Rita nem teve nojo, pois já havia visto coisa pior na China! Sentiu até saudade de sua amiga Yuan, que certamente adoraria provar alguns daqueles estranhos petiscos... Enquanto as mulheres colhiam na floresta, os homens caçavam. Meninas não podem participar da caçada: apenas os guerreiros e os meninos, para aprenderem a ter coragem; é assim que manda a tradição pigmeia. Os pigmeus são exímios caçadores, principalmente de elefantes. Por isso, gabam-se e acham até uma grande vantagem sua pequena estatura, que lhes dá mais rapidez e agilidade na hora de caçar.

Quando eles caçam um elefante, fazem bem assim: um grupo distrai o bicho pela frente, fazendo com que caminhe lentamente, enquanto outro rasteja sob o elefante e corta o tendão de uma das patas traseiras. Assim, o animal não aguenta mais ficar de pé por muito tempo e cai.

Pancada não gostou muito de ver o elefante morto, ficou com dó do bicho. Mas comeu assim mesmo. Estava faminta! Era como no sítio: quando vovó

matava uma galinha, sentia tristeza pelo bichinho, mas, depois, na hora do almoço, com bastante açafrão douradinho, o estômago acabava falando mais alto que o coração. E, na hora, para facilitar um pouco a deglutição, não pensou que estava comendo elefante, mas, sim, um saboroso hambúrguer!

Certamente, Rita tinha muito que aprender na aldeia com os pigmeus, mas não ficou lá tempo suficiente para isso. Logo, Muuji arranhou uma maneira de ajudá-la a pôr o aviãozinho no céu outra vez. Na verdade, o menino estava com mais vontade de voar que Rita... Anos antes, vieram uns homens bem brancos, de cabelinhos da cor de fogo, e passaram uns dias na tribo, tirando fotos e filmando tudo. Era uma equipe de TV inglesa que estava fazendo um documentário sobre os pigmeus. Eles iam e vinham em aviões.

Muuji era muito curioso de ver as máquinas de voar. Prestou muita atenção em tudo que os brancos faziam para pôr o bicho de lata no ar. Aprendeu que, antes de qualquer coisa, tinha que forrar o estômago, dando de beber para o pássaro de metal criar

coragem de levantar voo. Foi até um galpão abandonado na mata e voltou com um galão de metal.

– Onde você achou combustível?! – espantou-se Rita.

Muuji não respondeu nada. Apenas foi até o tanque do aviãozinho e despejou tudo lá dentro. Depois, virou-se para Rita, passando a mão sobre a barriga. Em seguida, bateu os braços, como que dizendo: “alimentado e pronto para voar!”. Rita ficou muito impressionada com a inteligência do menino, mas nem teve tempo de dizer palavras de elogio, pois, assim que o computador de bordo acusou que havia combustível no tanque, retomou a programação aleatória que Rita fez sem querer e começou a se mover, para desespero da garota – Prrr! Vrrram! Vrrram!

– Minha carona está indo embora! Tenho que alcançar o avião, antes que ele decole!

Rita saiu correndo e mergulhou no avião. Caiu lá dentro feito uma jaca! O avião decolou – Tchááá!... Fuiii!... – e a menina mal pôde despedir-se de seu amigo. Restou apenas acenar da janelinha, gritando:

– Adeus, Muuji! Muito obrigada por tudo!

Cheia de esperança, sentou-se e afivelou o cinto, esfregando as mãos de nervosa.

– Só espero que este avião esteja me levando de volta para casa – disse. – Será que estou muito longe...

Rita não sabia, mas esteve numa aldeia de pigmeus da África, nas paragens da República do Congo. E agora voltava a seguir rumo ao Leste.



## ❧ Tiago de Melo Andrade ❧

Quando era criança, passei muitos recreios na biblioteca, para espanto de muitos colegas, que não entendiam como aquele lugar poderia ser tão divertido quanto jogar bola ou correr pelo pátio. Desde muito jovem, percebi que nos livros cabem muito mais coisas que a informação, o estudo e a pesquisa: eles também abrigam a imaginação e a fantasia, de modo que são ótimos lugares para passar os recreios, as férias e a vida.

Essa proximidade com os livros acabou rendendo bons frutos: as histórias que eu escrevo. Hoje tenho mais de quarenta livros publicados e algumas premiações importantes, como o Prêmio Jabuti.

É como eu costumo dizer, a leitura é a forma mais segura de viajar, conhecer outras terras, culturas, visitar o passado, vislumbrar o futuro e até mesmo viver outras vidas. Tudo isso podemos fazer sentados na sofá de casa, deitados na cama, ou ainda para transformar a espera chata de uma fila em aventura!

## ❧ Laura Michell ❧

Desenhar e pintar sempre foi minha maneira de olhar o mundo e de me expressar sobre o que vejo e sinto. Gosto muito de dar forma a personagens e de criar o mundo em que vivem, como fiz com Rita Pancada, que Tiago inventou com palavras e que tomou forma com meus lápis e pincéis.

Como gosto muito de literatura, interessei-me pelo diálogo que pode existir entre o texto e a imagem e percebi que poderia encontrar na ilustração de livros o caminho para desenvolver o que sempre gostei de fazer: desenhar e pintar.

Nasci em Rio Gallegos, na Argentina. Estudei pintura e gravura na Escola de Belas Artes de Buenos Aires, cidade onde vivo e trabalho. Atualmente dedico-me a ilustrar livros, a pintar minhas próprias obras e a dar aulas de arte.



# As aventuras de Rita Pancada

No dia em que a Feira Itinerante de Ciências aportou em Formiga, não houve quem não corresse para espiar de pertinho as engenhocas inventadas pelos cientistas.

Claro que a mãe de Rita Pancada não a deixou ir. Não queria nem imaginar o que ela poderia aprontar num lugar como aquele. Mas a menina não aguentou a curiosidade e... fugiu!

Pois não deu outra: foi ela chegar na Feira para a confusão começar.

O que ninguém imaginava é que a destrambelhada da Rita, tentando esconder-se da mãe, chegaria à África, onde viverá mais uma das suas aventuras mirabolantes.

**edelbra**

